

À MEMORIA
DE
Gervasio Lobato.

POESIAS



8
83
15

LISBOA
Typ. Baeta Dias
1895

Homenagem á memoria de GERVASIO LOBATO

POESIAS

DE

*Lopes de Mendonça, D. João da Camara,
Jayme Victor
e Alfredo de Moraes Pinto.*

RECITADAS PELAS ACTRIZES

*Virginia, Angela Pinto, Beatriz
e Mercedes Blasco*

NA NOITE DE 10 DE JUNHO DE 1895

no Theatro D. Amelia.



P OBRE amigo! Esse riso de creança,
Que pairava em seus labios entreabertos,
Era oasis no meio dos desertos,
Nas tempestades iris de bonança.

Era o desabrochar de uma esperança
Nos horisontes hybernaes, incertos;
Podesse aos nossos corações libertos
Esse riso ficar, sagrada herança

Podesse em vossas almas cahir, como
Em chão de marmore um tinir de perolas!
Ah! não nos deixes, celestial assômo,

De nossa angustia placida guarida,
O' Riso, ó Riso, que nas azas cerulas
O ergueste ás regiões da Eterna Vida!

H. LOPES DE MENDONÇA

O VENTO vem do mar; sopra canções agrestes
A que vibram como harpa os ramos dos cyprestes,
E dansam nuvens no ar.
O vento vem do mar, de longe, não sei d'onde,
A nuvem passa, corre e rapido se esconde
Em trevas o luar

E' luto; o luto é dor. Aves perdidas soltam
Lamentos sem resposta e fogem e não voltam,
Meu Deus e meu Senhor.
É luto; o luto é dor! Mas que trevas corre um astro,
Illumina-se o ceu! . . . Foge, deixando um rastro! . . .
Benta alma de quem fôr!

D. JOÃO DA CAMARA



NOS meus labios vibrou em noites de arte
A tua alma formosa e hilariante,
E a gloria que entrevi em qualquer parte,
Devo-a ao teu riso moço, triumphante.

Déste clarões de espirito jovial
A uma sociedade enferma e triste;
Fazendo rir não foste Juvenal,
Mas foste bom e util quando riste.

Co'a alavanca da tua gargalhada
Dos corações oppressos arrancaste
O pensamento negro, a dôr pesada,
E as lagrimas com risos estancaste.

Por isso eis-nos aqui: Venho dizer-te
Que o nosso coração está contigo
E bem junto do teu que jaz inerte;
Ah! poderemos nós resuscital-o!
Que ante esse coração ajoelhada,

Ao procural-o ainda para abrigo,
Eu lhe diria em nome de quem fallo
— E em boa hora o diga —: Obrigada,
Abençoado Gervasio, eterno amigo!

JAYME VICTOR

O LENÇO

O GERVASIO!... — Eu, quando ouvia
As comedias do Gervasio,
Aqui mesmo, ou no Gymnasio,
Na Avenida, ou na Trindade,
Satisfeita, ria . . . ria . . .
Com que ardor! com que vontade!

Ria . . . ria como louca! . . .
Tanto, que tinha o bom senso
De trazer sempre este lenço
P'ra, no momento preciso,
D'sfarçar, tapando a bocca:
— Tal era o frouxo de risol

Dando larga ao riso intenso,
Conservava ar circumspecto . . .
E, tanto o lenço dilecto
Foi de meus risos o abrigo,
Que até par'cia que o lenço
Tambem já ria commigo!

Subito, a musa do riso,
A musa alegre do chiste
Envergou, pallida e triste,
Os crepes da viuvez. . .
— Nunca mais tive um sorriso!
Nunca mais! — nem uma vez!

Dês que o Gervasio morreu,
O lenço — outr'ora risonho —
Guarda, entre alegre e tristonho,
N'um misto de prazer agro:
— Os risos que *Elle* me deu,
— Os prantos que eu lhe consagro!

PAN-TARANTULA

